

**EDITORIAL**

*A leitura do mundo precede a leitura da palavra*  
Paulo Freire

A apresentação do dossiê *Introdução à filosofia e filosofia do ensino de filosofia* da Revista **Trilhas Filosóficas** é, antes de tudo, um convite à leitura. Por isso, essa apresentação se abre com uma epígrafe de Paulo Freire sobre o ato de ler que nos lembra que ler o mundo, ler o nosso mundo, ler o mundo da nossa infância e de nossos dias *precede* a leitura das palavras que aqui se encarnam. Cada uma e cada um que leu e escreveu seu mundo, desde o seu mundo e fizeram do seu mundo uma “palavramundo” plena e transbordante de sentidos, doaram em seus textos um mundo nas palavras. Convidamos à leitura dessas palavras que se encarnaram nessas escritas.

A professora Eliseti Tomazetti (UFSM), em *Quando militância significa defender a escola e a docência*, toma como “referência o cenário político e cultural brasileiro, que, em suas próprias palavras, é sombrio e desafiador em muitos âmbitos, mas em especial na educação”. Lendo primeiramente o “mundo”, Tomazatti busca no texto evidenciar “o valor da escola e da docência e fazer a sua defesa”. Nesse sentido, o texto ensaístico, é acima de tudo “afirmativo e militante” enquanto assume “a educação escolar como potência para o novo, para a superação, para o pensamento” e “a escola e a docência como uma causa a ser defendida” contra os que “representam o mercado”, contra “os fundamentalismos assustadores” e contra aqueles que “afirmam as tecnologias digitais como salvadoras”. A autora, apesar de reconhecer “a importância das críticas feitas, ao longo da história, à escola e à docência”, recorda que essas não devem ser tomadas “como a única verdade a ser proferida”. Quando discute sobre a docência, o texto “toma como referência a docência em filosofia e aborda aspectos da formação inicial e do ensino da filosofia nas escolas de ensino médio”. Por fim, “explicita que defender a escola é reconhecer o evento pedagógico como a possibilidade para que crianças e jovens pensem sobre coisas, ideias, situações, fenômenos e, assim, adquiram condições de fazerem seus próprios começos”.

Em *A docência como questão filosófica: entre o esquecimento de si e a parresia*, o Prof. Flávio Carvalho (UFCG) nos convida à “resistência” já que um dos objetivos do texto é “desenvolver o questionamento de certo recorte da situação educacional e política vivida pelas brasileiras e pelos brasileiros nos últimos anos”. Esse convite à “resistência” se dá numa discussão sobre a “docência a partir de um

## EDITORIAL

ponto de vista filosófico” e da tentativa de “construir um arcabouço teórico para a Pedagogia do Esquecimento” e para uma “Didática Psicagógica”. Tanto as “questões levantadas pelo autor” quanto o “diálogo oportunizado com o pensamento filosófico de Michel Foucault, resgatando a vivência política e de educador de Sócrates” fazem com que o texto seja um convite a lembrar que “Cuidar de si é já um ato de resistência”.

No terceiro artigo, *Educação, Filosofia e Dialogicidade*, o professor Junot Matos (UFPE) escreve a partir do mundo em que da “primazia do econômico” e do capitalismo brota uma nova concepção de homem e de mulher segundo a qual o valor de cada um se mede pela “capacidade de gerar renda”; nesse mundo encontra-se um “homem desenraizado” dos seus valores morais; políticos, religiosos etc. e é neste cenário, segundo Junot Matos, que devemos perguntar o que entendemos por “Filosofia da Educação”. A resposta a tal questão implica em pensar na “formação do novo cidadão em direta oposição à ordem estabelecida pelo capitalismo globalizado que corroborou para emergência de uma burguesia altamente conservadora” e é para a escola, enquanto “agência que trabalha a educação de forma intencional e planejada” que todas as perguntas que brotam desse mundo devem ser remetidas. Para responder a questão sobre a identidade da Filosofia da Educação nesse contexto, Junot Matos, divide o seu texto em cinco pontos: A perspectiva antropológica da educação; Uma compreensão: educação como mediação para a formação da Pessoa; A Questão Pedagógica; Uma proposição freiriana; Desafios pedagógicos à Filosofia e Uma conclusão: Filosofia e Diálogo no chão da escola.

O quarto artigo também parte de uma leitura do mundo para se inscrever no mesmo horizonte da militância e da resistência. Em *La posibilidad de tener una infancia. La identidad de género en la enseñanza de la filosofía*, Luciana Carrera Aizpitarte (CIEFi - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación; Universidad Nacional de La Plata/Argentina), com um olhar singular coloca “em relação o ensino de filosofia com um problema específico da infância” e discute como o ensino de filosofia aparece “como um território inacessível para muitos meninos e meninas, por causa da sua identidade de gênero”. Para tanto, a autora busca traçar um “mapa da infância” a partir das disposições dos “organismos internacionais e as legislações locais da Argentina” que se ocupam em proteger a infância para comparar “com a realidade dos meninos e das meninas transgênero” a partir de dados levantados por diferentes “organizações”. A comparação entre esses dados mostrará, segundo a autora, até que ponto “o mapa difere do território” e, assim, seria possível perguntar “pelos causas dessa divergência”. A partir de uma *ontología de la monstruosidad*, construção social e cultural para os meninos e as meninas trans, a autora aponta pra o desafio “na hora de pensar filosoficamente o ensino da filosofia”. Por um lado, a filosofia “elabora suas reflexões e investigações partindo de um sujeito cujas experiências e problemas

## EDITORIAL

supõem uma certa ‘normalidade’ com relação a qual os meninos e meninas trans estão excluídos”.

Se esse primeiro bloco com quatro artigos parte de uma leitura do mundo para inscrever a educação, a escola e o ensino da filosofia no chão da militância e da resistência, o bloco que apresentamos em seguida com mais sete artigos, começa por fazer uma introdução à filosofia e segue com artigos que abordam a relação entre determinadas concepções de filosofia e as consequentes escolhas das estratégias didáticas e metodológicas que delas decorrem.

Em *Introdução à filosofia: o pathos do espanto e as grandes questões existenciais*, quinto artigo do dossiê, o professor Diogo Bogéa (UERJ) lembra que para Platão e Aristóteles o “espanto” constituía o “*pathos* fundamental do pensamento filosófico”. Desde o “espanto”, que nos tira “do fluxo automático da vida cotidiana”, seria possível colocar em questão o que se tem por “certo” e “verdadeiro”. Por outro lado, com Nietzsche, Heidegger, Hannah Arendt e Ortega y Gasset, o objetivo do texto é “demonstrar em que sentido o *pathos* do ‘espanto’ e o enfrentamento das grandes questões existenciais humanas constituem o fundo da autêntica prática filosófica”. Determinado esse “fundo autêntico”, portanto, seria possível escrever uma introdução à filosofia, com ênfase na noção de “espanto”.

No sexto artigo, “*Conduzir pela mão*” e o ensino-aprendizagem de filosofia: uma perspectiva a partir de Nicolau de Cusa (1401-1464), o professor José Teixeira Neto (UERN) e Jeniffer Lopes Batista (UERN) propõem seguir a via simbólica do pensamento de Nicolau de Cusa (1401-1464) e pensá-la como um caminho para o ensino-aprendizagem da filosofia. Para tanto, discutem sobre o tema da “condução pela mão” e compreendem, inicialmente, que cabe ao professor-filósofo “atrair” e “guiar pela mão” os mais jovens para a filosofia. Depois, apresentam a perspectiva de Nicolau de Cusa sobre o “conduzir pela mão” confrontando-o com as críticas de Jacques Rancière, em *O mestre ignorante*, a “condução” socrática. Em seguida, buscam explicitar o conceito de “douta ignorância” em Nicolau de Cusa para depois explicitar a “condução pela mão” em *A douta ignorância* e em *A visão de Deus*. Por fim, embora considerem que Nicolau não seja “o mestre ignorante” de Rancière, consideram que a partir da filosofia cusana, pode-se pensar um caminho para o ensino da filosofia que não seja mera transmissão, mas um exercício de aprendizagem por parte do aluno.

Por sua vez, Evanilson Alves Dutra (PROF-FILO/UERN) e o professor Telmir de Souza Soares (UERN), em *A filosofia e seu ensino a partir de Rousseau: “se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo”*, oitavo artigo do dossiê, partem de uma compreensão da filosofia de Rousseau (1712-1778) para quem os pensadores de sua época estavam “interessados em obter fama e reconhecimento em meio à *República das letras*”. Para os autores do artigo, o escritor genebrino

## EDITORIAL

evidenciaria uma “desconexão entre discurso e realidade” que resultaria “na infelicidade característica da vida de tais indivíduos”. Portanto, ao contestar os pensadores da sua época, seria possível apontar com Rousseau “o que seria o verdadeiro modo de ser da filosofia, a saber, enquanto um exercício do pensar que favoreça a experiência do autoconhecimento”. Para Evanilson Alves e Telmir Soares, a partir daí se poderia estabelecer que “atividade da filosofia deveria consistir no intento de conduzir o homem a conhecer-se para melhorar-se, para educar-se”.

No nono artigo, *A hermenêutica de Paul Ricoeur no ensino de filosofia no ensino médio*, Fagner Veloso Silva (PROF-FILO/UFCG) busca “investigar quais são as contribuições de uma hermenêutica no Ensino Médio”. O autor assume a hermenêutica como uma “ferramenta” e parte do fato de que “a aula de Filosofia no Ensino Médio consiste numa aula expositiva” e daí decorre que “a relação entre o professor e o aluno”, pensada como relação entre “aquele que ‘explica’ e aquele que ‘compreende’”, sugeriria a busca de “algo em comum”, ou seja, “interpretar o texto”. Como o primeiro passo para o “trabalho de interpretação” é “captar aquilo que o autor se propôs ao escrever determinado texto”, então, a hermenêutica seria essa “ferramenta” a ser oferecida pelo professor aos seus alunos, que proporcionaria “um meio de compreender a eles mesmos e o mundo em que estão inseridos”. Nesse sentido, o papel e a contribuição da hermenêutica “para a vida dos alunos é a de auxiliá-los na compreensão da realidade que eles vivenciam, para que possam desenvolver uma melhor vivência em sociedade”.

Em *Contextualização de temas filosóficos no documentário Tarja branca – a revolução que faltava: um aporte do pragmatismo de Richard Rorty para o ensino de filosofia*, décimo artigo, Maristane Maria dos Anjos (PROF-FILO/UFPI) e o professor Heraldo Aparecido Silva (UFPI) partem da “abordagem pragmatista do filósofo norte-americano Richard Rorty sobre o uso da narrativa do gênero documentário” para analisarem e apresentarem “possibilidades de ensino contextualizado de temas de Filosofia a partir do documentário *Tarja Branca - A Revolução Que Faltava*”. O documentário serve como “ferramenta de sensibilização” e “contextualização do ensino”. Além disso, os autores lembram que, por uma lado, “o uso do gênero documentário proporciona [...], um ensino de filosofia mais atraente, mais significativo e contextualizado para o discente, porque estimula e envolve muito mais a sua atenção do que o livro didático” e, por outro lado, “a narrativa do documentário pode favorecer o discente a olhar para si mesmo, avaliar a cultura, o sistema, o mundo em que se encontra inserido”.

Por fim, o artigo *A pedagogia histórico-crítica como abordagem metodológica para o ensino da filosofia* do professor Christian Lindberg L. do Nascimento (UFS) fecha esse segundo bloco no qual se discutiu desde sobre a introdução à filosofia e estratégias didáticas e metodológicas que decorrem de determinadas concepções de filosofia. Assim, em seu artigo Christian Lindberg se propõe a “1) Delimitar as

## EDITORIAL

linhas gerais do pensamento educacional de [Dermeval] Saviani; 2) Expor a concepção metodológica defendida por ele; 3) Constituir uma abordagem metodológica para ensinar Filosofia a partir da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC)”.

O terceiro bloco, com os artigos décimo segundo e décimo terceiro, discute sobre filosofia e educação a partir da relação com a poesia e o cinema. Em *Poesia, filosofia e educação: um triálogo possível*, Genildo Firmino Santana (PROF-FILO/UFCG) e Flávio José de Carvalho (UFCG) pretendem “trabalhar o triálogo entre a Poesia, a Filosofia e a Educação numa perspectiva pedagógica e filosófica partindo-se do princípio de que a comunicação entre as áreas do saber favorece a relação ensino-aprendizagem”. Para os autores a poesia de cordel “pode ser utilizada como ferramenta pedagógica em várias áreas do ensino, como também pode ser propícia ao Ensino de Filosofia nos anos do Ensino Fundamental e Médio”. Nesse sentido, os autores pretendem metodologicamente “aplicar a literatura de cordel [em sala de aula] após a leitura de textos filosóficos”.

Por sua vez, em *Cinema e educação*, o Prof. Affonso Henrique Vieira da Costa (UFRRJ) “procura pensar a relação entre Filosofia e Educação [...] a partir da experiência em sala de aula”. O cinema não deve ser utilizado como passatempo em sala de aula, mas como uma forma do professor “responsabilizar-se pelo pensar”. Os alunos estão normalmente distantes da atividade de pensar constitutiva da filosofia. Com efeito, se as aulas de filosofia acontecem como história da filosofia enquanto uma “atividade exterior ao pensamento”, o filosofar não acontece, e, assim, a filosofia não aparece no horizonte existencial dos alunos. O cinema deve ser um possibilitar a experiência do espanto grego no estudante, fazendo-o “ver o que antes não via ou não via direito”. Em contraposição a tantas propostas metodológicas, pedagógicas, didáticas no ensino de filosofia, como dominação do pensamento calculador, escutamos a per-versão dessa proposta através do pensamento meditante que exige e forja um outro tipo de educador: “Quem está do lado de fora da experiência de constituição do filosofar ou da experiência constituidora da criação, acredita que tais educadores não educam para nada. Pois, afinal de contas, o seu ponto de partida está fincado na disponibilidade do mercado. A escola deveria se tornar em uma grande empresa e atender às necessidades mercadológicas. [...] Porém, é isso propriamente educar?”.

O quarto e último bloco traz, num primeiro momento, uma reflexão sobre a universidade e, num segundo momento, uma discussão sobre um aspecto específico da formação em filosofia na Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Em *O ensino de filosofia e a ideia de uma universidade: de Newman a Macintyre*, décimo quarto artigo do dossiê, o professor Alberto Leopoldo Batista Neto (UERN) discute sobre a concepção de universidade em Alasdair MacIntyre, concepção “fortemente influenciada por aquela defendida

## EDITORIAL

por John Henry Newman no século XIX”. Afirmar ainda que tal concepção “se relaciona intimamente” em MacIntyre e em Newman, com a uma “compreensão sobre a filosofia”. Assim, a partir de tal concepção, segundo Alberto Leopoldo, seria “possível refletir sistematicamente sobre a questão do ensino de filosofia, tanto no interior da vida universitária quanto nas relações desta última com a sociedade e a cultura em geral, inclusive com um foco particular sobre a realidade brasileira”.

No segundo artigo desse quarto e último bloco, o Prof. Maximiliano Durán (UBA/UERJ/FAPERJ) escreve sobre *La escritura académica en la formación de profesores de filosofía* (décimo quinto artigo do dossiê) a partir da formação ofertada na Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires para a carreira de filosofia (ensino ou pesquisa), coloca duas questões a serem investigadas. Questiona, em primeiro lugar, se é possível escrever filosoficamente um artigo acadêmico e, em segundo lugar, se é possível ensinar a escrever um artigo filosófico. Para responder a essas questões divide o texto em três partes: o que se entende por investigação filosófica; possibilidades de escrever filosoficamente artigos em revistas especializadas e, por fim, sobre a possibilidade de intervir didaticamente nessa escritura filosófica.

### **Nota sobre a Resenha:**

Alex de Mesquita Marinho, lotado na Secretaria Estadual de Educação do Piauí, afirma que a *Filosofia: ensinar e aprender* de Sônia Campaner (2012) “abre e reascende discussões sobre o ensino de filosofia, sobretudo no nível médio brasileiro”. A importância da obra estaria no fato de que discutir sobre o ensino da filosofia “é tarefa salutar se pretendemos alcançar um ensino de filosofia que não se prenda a fórmulas ou diretrizes, que por sua vez, podem desviar da atitude filosófica o ensinar e o aprender”. Além disso, o autor lembra que “a atitude da autora ao abordar a questão da importância da filosofia como disciplina pode conduzir o docente a repensar sua prática”, pois quando o professor de filosofia se questiona sobre “o status da filosofia”, daí “podem surgir reflexões tais como: até onde a prática filosófica ocorre de fato na sala de aula?” ou “Qual o lugar da Filosofia e do filósofo, no currículo escolar e na sociedade?” (CAMPANER, 2012, p. 37). Um dos limites da obra de Campaner estaria, segundo o autor da resenha, no fato de não mencionar “nenhuma forma de avaliação”.

***Prof. Dr. José Teixeira Neto (UERN/Campus Caicó)***  
***Editor***